

Tratamento com hormônio é solução para andropausa

■ Baixa produção de testosterona pode ser compensada com uso regular de adesivo

O medo do envelhecimento, para os homens, pode ter um nome bem parecido com o da fase da vida que mais atemoriza as mulheres. A andropausa, assim como a menopausa feminina, é a redução da produção de hormônio sexual pelo organismo. Mas as semelhanças param por aí: os efeitos são diferentes, e vêm lentamente, afetando apenas alguns homens.

Um novo tratamento de reposição de testosterona (hormônio masculino) promete melhorar a vida de quem sente os efeitos da andropausa. Adesivos que liberam hormônios a cada 24 horas permitem a qualquer um afirmar que, se não é verdade que a vida começa aos quarenta, pelo menos não é nessa época que ela entra em declínio.

Depressão, cansaço, falta de atenção e memória, tendência a fraturas, rugas, flacidez, problemas cardiovasculares, tudo isso pode estar associado à insuficiência de hormônio. Mas os sintomas que costumam levar o homem a procurar um especialista quase sempre são os mesmos: falta de interesse sexual (baixa libido) e pouca ereção.

Queda — “Entre os 40 e 45 anos a produção de hormônio masculino pelo testículo começa a cair na base de 1% a 2% ao ano”, alerta o endocrinologista e andrologista Antônio Bonacours. “Mas tenho pacientes com mais de 70 anos com taxas de testosterona normais e que levam uma vida sexual ativa”, afirma ele. “A produção não chega a zero, mas quando atinge níveis subnormais o homem pode sentir os sintomas.”

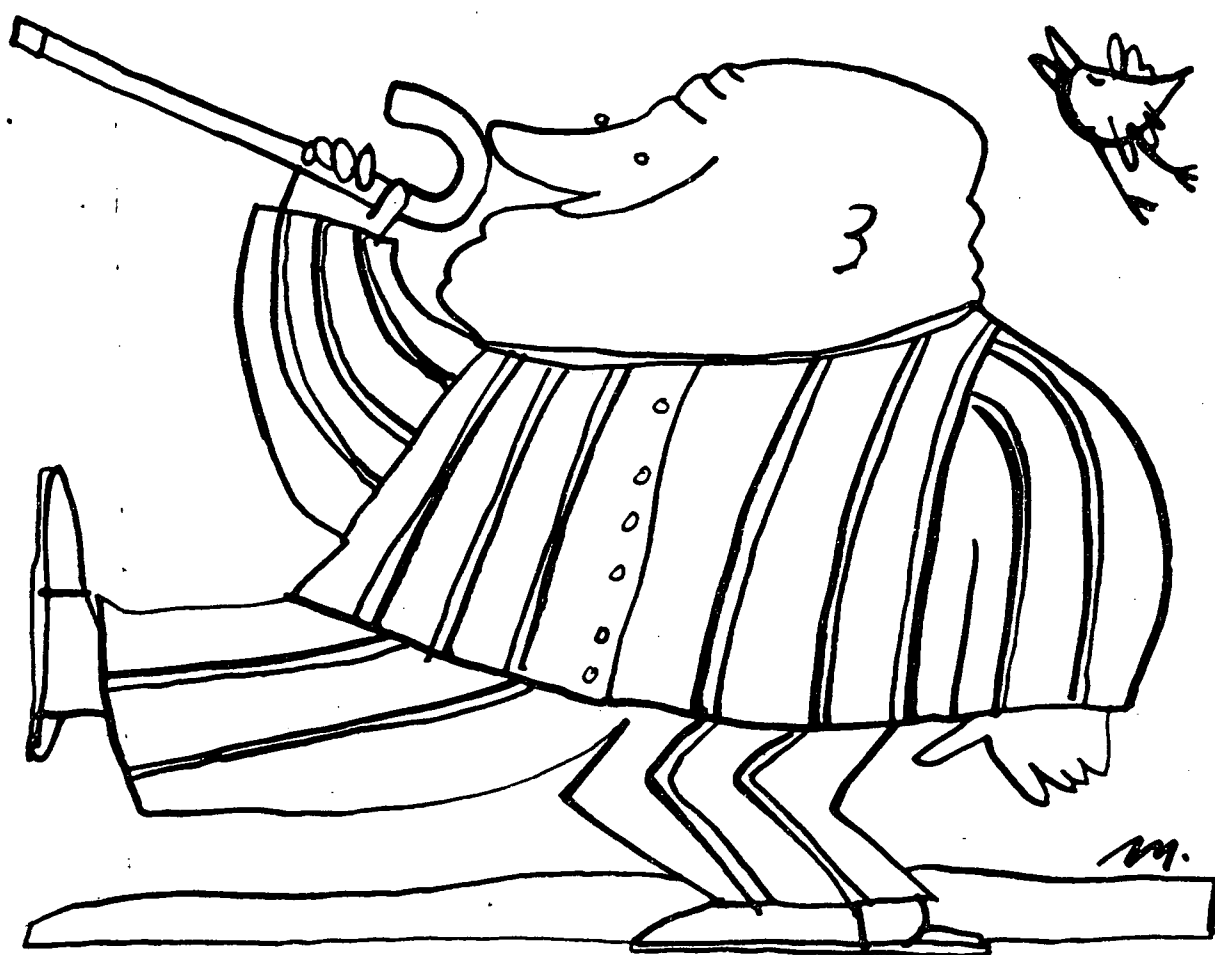
Ele ressalta que o normal é ter mais de 300 miligramas de testosterona por decilitro de sangue, mas que alguns indivíduos com 320 miligramas já apresentam sintomas de andropausa. Enquanto isso, alguém com mais de 70 anos com 280 miligramas pode considerar-se em bom estado.

Segundo Bonacours, a impotência sexual não está necessariamente relacionada à andropausa, mas a depressão originada pelos baixos níveis de hormônio pode levar a problemas sexuais. E vice-versa. “A depressão pode ser causa ou efeito quanto à redução da produção hormonal. Assim, cria-se um círculo vicioso”, explica o médico.

De qualquer modo, o médico lembra que a depressão pode desencadear a andropausa. “Perda de emprego, aposentadoria, morte da esposa, qualquer acontecimento que possa levar a um quadro depressivo também pode acelerar a andropausa”, ressalta ele. No tratamento da depressão, Bonacours passou, recentemente, a utilizar antidepressivos fitoterápicos, com menos efeitos colaterais.

Aposentado — “De 4 mil pacientes acima de 50 anos que procuraram a clínica, apenas 100 tinham problemas hormonais”, afirmou, entretanto, o psicólogo e terapeuta sexual Oswaldo Rodrigues Júnior, do Instituto Oswaldo H. Ellis. “Um homem na faixa dos 50 anos que queira trabalhar como um de 30 provavelmente ficará deprimido. Com isso cai o nível hormonal, e tudo pode contribuir para problemas sexuais”, diz Oswaldo. Por outro lado, o psicólogo lembra que um homem que se aposenta e abandona suas atividades normais pode começar a perder a memória e outras aptidões em apenas seis meses.

Oswaldo ressalta a importância do aspecto psicossocial nos quadros depressivos. “Somos acostumados a crer que, com a idade, acaba a vida sexual. Se o homem se conscientiza de que está mal, não adianta ingerir medicamentos”, diz o terapeuta. Ele acrescenta que os homens costumam confundir a redução da rigidez do pênis com a impotência sexual. “Isso acaba levando, de fato, à impotência”, conclui. “O problema da ereção é mais comum que o da andropausa, e pode estar relacionado a quadros puramente psicológicos ou a problemas vasculares”, esclarece Bonacours.



Terapia não é para qualquer caso

O tratamento da andropausa, para o andrologista Antônio Bonacours, deve abordar três pontos: a reposição hormonal, o combate à depressão e a melhoria da circulação sanguínea no pênis. Mas ele ressalva que nem sempre é preciso abordar todas as etapas.

“A reposição dos hormônios através de adesivos é o método ideal”, afirma Bonacours. Ele explica que a aplicação de testosterona por meio de injeções faz com que o organismo receba uma dose inicial muito alta, podendo afetar a próstata e o coração. Já a ingestão oral tem um efeito muito curto; de

apenas seis horas. Os adesivos, de acordo com o andrologista, liberam de quatro a oito miligramas de testosterona por dia, sendo que a produção diária normal é de sete miligramas.

“Só recebem hormônios os pacientes que apresentam os sintomas da andropausa”, diz o médico. “Nesses, é feito um teste durante um ou dois meses para ver se os sintomas eram mesmo ocasionados pela carência de hormônios”, acrescenta.

A única restrição do tratamento é para os homens que apresentem alterações na próstata. Se o pacien-

te tem problemas de crescimento da próstata, a dosagem de hormônio deve ser cuidadosamente controlada e acompanhada por medicamentos inibidores da hipertrofia da glândula. “Esses remédios bloqueiam a transformação de testosterona em hidrotesterona, que é o que causa o aumento da glândula”, diz o endocrinologista.

“O hormônio masculino não dá câncer”, afirma ele, “mas se o tumor estiver presente a testosterona vai estimular o crescimento. Como os tumores na próstata são comuns, o controle tem que ser o mais estrito possível”, adverte.